

Línguas & Letras, v. 19, n. 42 (maio de 2018)

Interculturalidade e Outras Textualidades: Vozes na Fronteira

Este número da Revista Línguas&Letras reveste-se de um “Dossiê” temático cuja investigação volta-se para a proposta originada a partir do simpósio que teve curso durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC, no Rio de Janeiro, de 07 a 11/08/2017.

O título dessa proposta, “Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira”, e que se mantém como “dossiê” desse Número, teve como mérito reunir pesquisadores em torno de assunto em comum, particularmente pela originalidade da temática submetida. Sob esse ângulo, amparando a orientação e justificativa deste “dossiê”, ressalta-se, em primeiro lugar, uma robustecida produção em submergidas dicções fronteiriças que retornam, hoje, surgindo no cenário contemporâneo como se revestidas em estilo fronteiriço, provocativo e derivador de “outras” diferentes práticas culturais, uma vez que nascedouras de um mundo de fronteira que reclama, necessariamente, um estilo fronteiriço; em segundo lugar, este “dossiê” pretende divulgar uma discussão voltada para a perspectiva anunciada, com o objetivo central de reunir trabalhos que procuram verificar, a partir de diferentes textualizações dos mediadores literários e culturais, a interculturalidade de “vozes” fronteiriças que permeiam o lugar da cultura no subcontinente.

Assim, em um possível paradigma, sublinharíamos as diversas (outras) aventuras de nosso herói Macunaíma, tais como recolhidas entre os povos indígenas; tema e objeto que continuam se expandindo em textualidades outras em consonância com a problemática indígena, na atualidade, e conseqüentemente com a discursivização em torno dessas práticas culturais. Também, a proposta dieguesiana sobre um portunhol salvaje evoca o lugar inovador do escritor de fronteira, brasiguaião, repondo estratégias, temáticas discursivas e culturais atravessadas por uma mirada estrábica, que parece não mostrar seu suporte, na medida em que desabriga, à análise, a problemática dos gêneros e/ou da natureza e origem de tais textos, ou de sua textualização.

Perseguindo esse lugar de descentramento, a crítica argentina Josefina Ludmer, ao refletir sobre um tipo de escrituras atuais da realidade cotidiana que se situam em ilhas urbanas (em zonas sociais) da cidade de Buenos Aires, observa que tais práticas de escritura e performances revelam o desejo de poder ver, em ficção, as temporalidades do presente vividas por algumas subjetividades. Ora, assim formuladas, enquanto vetores de textualidades outras, essas vozes põem em demanda, por assim dizer, uma “textualização” outra e de um outro lugar, de uma outra enunciação acerca do lugar e do espaço que tais autores/escritores habitaram em vida.

Na primeira seção deste Dossiê, reunimos textos cuja ênfase recai tanto na construção de quadros de referência para se pensar as noções de fronteiras literais ou metafóricas, quanto na reflexão em torno dos modos como as poéticas fronteiriças produzem sentidos em relação aos deslocamentos interculturais no bojo de escrituras performáticas.

Josué Ferreira Oliveira Júnior em seu texto intitulado “Literatura, Fronteiras e Margens: Poéticas Fronteiriças na Fronteira Brasil-Paraguai”, busca refletir sobre a intrincada relação entre literatura, fronteira(s) e margens como signos que acrescem renovados sentidos à leitura e à abordagem críticas de obras e de artefatos artístico-literários que emergem de/em contextos fronteiriços. Em seu estudo, o autor destaca a flagrante eclosão de hermenêuticas fronteiriças que atuam não só no sentido de ampliar as possibilidades de leitura e abordagens críticas, mas, também, de reacender as discussões e o interesse sobre as fronteiras e os limites da literatura e do literário. A pesquisa de Josué se volta para uma fronteira bem específica: a do Brasil com o Paraguai; para o portunhol selvagem, de Douglas Diegues, como uma experiência literária paradigmática, no contexto da literatura contemporânea, ao assumir como projeto estético-político a superação das fronteiras geográficas, linguísticas e as da própria literatura.

Por sua vez, a pesquisadora Cynthia Valente apresenta a escritora Argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972), cuja obra anseia por transcender as fronteiras da linguagem. Os estudos realizados por Cynthia Valente sobre a obra de Pizarnik mostram que mesmo, tendo uma breve carreira a escritora Argentina deixou uma obra que revela uma relação vital com sua escritura.

Neste instigante diálogo, O pesquisador Manuel F. Medina da University of Louisville, em seu texto intitulado “Estrategias de desplazamiento, desterritorialización

y reterritorialización en *Prometeo Deportado* de Fernando Mieles”, reflete como a produção cinematográfica equatoriana contribuiu para o diálogo cultural sobre a migração com uma série de filmes que versam sobre a experiência daquele que viaja, em geral, ao continente europeu, especificamente para a Espanha e a Itália, em busca de melhores oportunidades para si e para os seus. Em especial, o pesquisador Manuel F. Medina trata do filme *Prometeo Deportado* (2011), dirigido por Fernando Mieles. De acordo com o pesquisador, Em *Prometeo Deportado*, Mieles se vale do espaço cinematográfico para oferecer uma perspectiva, pouco usada, que combina o surrealista, absurdo, paródico, hiperbólico e cômico da experiência de um grupo de equatorianos que desembarcam em um aeroporto não identificado e devem enfrentar o controle e poder dos dirigentes agentes de migração. Medina reflete sobre as estratégias de deslocamento, desterritorialização e reterritorialização empregadas pelos protagonistas do filme à medida que se adaptam e adaptam o espaço no cruzamento de fronteiras literais ou metafóricas.

Giséle Manganelli Fernandes em seu texto “Latinos nos Estados Unidos: Barreiras Culturais, Sociais e Linguísticas Insuperáveis?”, examina produções literárias de escritores(as) Latinos(as) nos Estados Unidos principalmente no tocante ao profundo sentimento de que há barreiras aparentemente intransponíveis no cotidianos dos imigrantes de origem latina. Por meio de análises de textos de Julia Alvarez, Pedro Pietri, Pat Mora, Gloria Anzaldúa, Gustavo Pérez-Firmat, Gisèle Manganelli reflete sobre barreiras culturais, sociais e linguísticas determinantes para a manutenção desse grupo em condições precárias de sobrevivência, vivendo do contínuo apoio do welfare state. A escrita dessas vozes silenciadas no passado traz à luz a tentativa de rompimento de estereótipos e de preconceitos que não têm mais fundamento em relação à conduta social e ao trabalho desses imigrantes nos Estados Unidos.

Cláudia Bellanda Pegini e Alexandre Villibor Flory no texto “Estilhaços Estéticos da 1ª Feira Paulista de Opinião Contra a Barbárie Política: Análise da Canção Enquanto Seu Lobo não Vem e da Peça O Líder”, refletem sobre a forma artística como o lugar por excelência da mediação entre arte e sociedade. No centro da discussão está a Primeira Feira Paulista de Opinião, dirigida por Boal em 1968, que surge como obra coletiva a partir da inquietação de dramaturgos representativos da cena paulista frente à censura acirrada daquele contexto histórico. Boal propôs a vários artistas desenvolver a questão: “O que pensa você do Brasil de hoje?” As respostas se materializaram em

forma de teatro, música e artes plásticas, com o propósito comum de resistência e compreensão crítica do período. Para isto, Cláudia Bellanda Pegini e Alexandre Villibor Flory analisam recortes da canção Enquanto o seu lobo não vem, de Caetano Veloso, e a peça O líder, de Lauro César Muniz, contribuindo assim com a proposta do dossiê de reunir vozes fronteiriças de mediadores culturais e interculturais sob diversas textualidades e enfoque históricos e sociais.

Na seção dedicada aos Estudos Literários, José Carlos da Costa em seu texto intitulado “Silviano Santiago e a Renovação da Crítica Literária Brasileira”, reflete o modo como o escritor Silviano Santiago integra uma geração de críticos literários brasileiros, cuja ação se funda na desarticulação dos princípios etnocêntricos, reconhecidos em quase todas as vertentes da crítica literária, em especial as de base comparatista, ressignificando a produção literária brasileira como um todo e, de um modo geral, a latino-americana. José Carlos da Costa observa que desde os primeiros trabalhos críticos de Silviano Santiago presentes em *Uma literatura nos trópicos até Ora(direis) puxar conversa!* – é possível reconhecer o espaço de desenvolvimento da produção latino-americana, ao mesmo tempo em que o crítico define o lugar próprio em que as situa: o entre-lugar, espaço em que distingue a produção do artista e do intelectual latino-americanos. No fundamento de sua perspectiva, Silviano Santiago desenvolve uma reflexão sobre a dependência cultural brasileira, em relação aos países colonizadores que se apresentam ao Novo Mundo como centro e propagam seus valores como únicos. José Carlos da Costa reflete como a revisão desses parâmetros se torna o grande trabalho de ação crítica de Santiago.

Prosseguindo neste diálogo, Gabriel Both Borella em seu texto intitulado “O questionamento do discurso colonial em *Viagem ao México*, de Silviano Santiago e *Concerto Barroco*, de Alejo Carpentier”, reflete sobre como a dominação, sobretudo, discursiva, moldou o pensamento das ex-colônias europeias pelo mundo. Em seu artigo, demonstra como a literatura e as teorias pós-coloniais vêm apresentando uma alternativa para se repensar o passado dessas nações e, conseqüentemente mudar, ideologicamente o olhar em relação a si mesmas e aos outros. Para isto, o pesquisador analisa como as obras *Viagem ao México*, de Santiago Santiago, e *Concerto Barroco*, de Alejo Carpentier, buscam por meio do questionamento do discurso oficial repensar o processo de colonização espanhola no México e a relação colonizador-colonizado, demonstrando como as teorias pós-coloniais não desejam apagar o passado, mas confrontá-lo com uma

outra perspectiva (a pós-colonial) mais dialógica e menos hierarquizada, na qual as vozes distintas convivem de forma simultânea.

Por sua vez, Maisa Barbosa da Silva Cordeiro, no artigo intitulado “Pensamento liminar e emancipação na personagem Tita, em Como água para chocolate”, verifica a construção do pensamento liminar e a emancipação do subalterno por meio da análise das atitudes da personagem Tita. A pesquisadora Maisa Barbosa da Silva Cordeiro observa como a protagonista, ao enfrentar uma tradição familiar em que a filha mais nova não pode se casar por ter de cuidar da mãe durante toda a vida, começa a desestabilizar a subjugação que rege a família, mantida por sua mãe. Para cumprir tal proposta, a autora deste artigo serve-se do conceito de Walter Mignolo (2003) “pensamento liminar” e o de “subalternidade” proposto por John Beverley (2004).

Por fim, a pesquisadora Francesca Crippa da Università Cattolica del Sacro Cuore, Itália, em seu texto intitulado “Experimentalismo artístico y transgresión de los cánones morales: la figura de Margarita Gil Roësset”, apresenta a escultora, ilustradora e poetisa espanhola Margarita Gil Roësset (1908-1932), que tirou a própria vida aos 24 anos, vencida por uma paixão não correspondida, que colonizou toda a sua vida até transformá-la em uma tragédia. Em 2015, o diário dos últimos dias de vida de Marga Gil Roësset foi publicado com um prólogo de Carmen Hernández-Pinzón, representante dos herdeiros do poeta mogueriano e um texto de Marga Clark, sobrinha do artista, poeta e fotógrafa. A pesquisadora Francesca Crippa tem por objetivo, refletir sobre a figura de Marga Gil Roësset à luz das escritas e das perspectivas oferecidas por pessoas que conheceram Marga Gil Roësset, visando resgatar do esquecimento, a memória de uma das personalidades artísticas mais inovadoras e inconformistas do panorama cultural Espanhol da primeiras décadas do século XX.

A Revista Linguas&Letras, nesta edição, publica a resenha de João Paulo Ferreira Tinoco, referente ao livro *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de frontera* (2017), organizado por BESSA-OLIVEIRA, Marcos A.; NOLASCO, Edgar C.; GUERRA, Vânia M. L.; S. FREIRE, Zélia R. N. e publicado pela Editora Pontes. Nesta obra o conceito de fronteira é compreendido, sob o fio discursivo da escrita dos autores, como um lugar possível de se (re)pensar epistemologias outras para rechaçar o imaginário de que a fronteira é um local periférico e marginal, nomeações recebidas por natureza imposta.

Esperamos, assim, dar continuidade ao instigante debate proposto no simpósio “Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira”, desenvolvido durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC em 2017.

Expressamos nossos agradecimentos aos autores (as) que contribuíram com a presente edição da Revista e desejamos a todos (as) uma profícua experiência de leitura, capaz de motivar novas pesquisas.

Por

Prof^o. Dr^o. Paulo Sérgio Nolasco
dos Santos (UFGD/CNPq);

Prof^a. Dr^a. Lourdes Kaminski
Alves (UNIOESTE/FA/CAPES).